

A AMAZÔNIA E AS OBSERVAÇÕES DE DIONÍSIO CERQUEIRA

CORONEL FELÍCIO LIMA

O importante livro "Reminiscências da Fronteira", de Dionísio E. de Castro Cerqueira, digníssimo General do Exército Brasileiro, vem completar a obra magnificante de Taunay, no tocante à vida anômala dos nossos indígenas.

Este insigne Visconde de Taunay, descende dos Escrag-nolle, que se ligaram pelo sangue aos Cerqueiras; nobres de raça, chegaram aos nossos dias enaltecidos por sólida cultura intelectual e por reais empreendimentos legados ao Brasil.

Depois de prestar relevantes serviços ao nosso Exército, onde se salientou na guerra e na paz, escrevendo a "Retirada da Laguna", cujos episódios Ernesto Aimé achou mais heróicos do que os descritos na notável obra dos "Dez Mil", do imortal Xenofontes; as "Narrativas Militares" e outros interessantes livros, Taunay entregou-se aos trabalhos de engenharia.

Culto escritor militar, pelo sentido de objetividade dos quadros naturais que arquitetou, inaugurou a tendência sertaneja, acentuada em "Inocência", surgida em 1872 e esboçada nas "Memórias de um Sargento de Milícias", esplêndido romance que apareceu em 1854.

E Dionísio Cerqueira, bravo guerreiro e fino diplomata, entregando-se aos trabalhos de engenharia, à disposição do Ministério do Exterior, atravessou a fabulosa Amazônia, condensando as suas importantes observações nêsse grande livro, que deve ser lido por todos os brasileiros.

Alí, admirou o esplendor da natureza, as florestas verdejantes, onde, no augusto silêncio da solidão, o menor ruído assume enormes proporções, como que ampliado por invisível microfone! Qualquer movimento — um fruto que se desprende, um pássaro que esvoaça — dá a impressão de pedras que se desmoronam, vozerio de multidão saindo do seio da terra, como se fôsse o som de uma orquestra fantástica; é como "um hino de admiração à infinita magestade de tantas outras maravilhas!" — na frase simbólica do emérito escritor militar.

A região amazônica é sempre erma, solitária e triste. Às vezes somente se percebe o céu, os rios caudalosos e as flores-

tas imensas e submersas; é deslumbrante aquela espontaneidade de acerba monotonia!

O sol, quer no estio, quer no inverno, é abraçador; cresta como fogo. As ardências de seus raios, pela clareira das florestas, queimam impiedosamente a crosta milenar. Daí o calor senegalesco, parecendo que as profundezas vulcânicas surgem à superfície da terra!

A lua, às vezes, tem uma certa parecença com o sol radiante, cuja quentura, fazendo as pedras se esfacelarem como torrões de açúcar, torna-a tão vermelha como o fundo de um tacho quente, escaldando o saibro e queimando a terra.

Há momentos em que o ceu, cobrindo a monótona paisagem e o silêncio da solidão, enche a alma dolorida do observador de sentimentos de profunda nostalgia.

O **Curupira**, o caboclinho sobrenatural, que no conceito das tribus guarda as florestas tropicais, inspira um grande terror supersticioso aos índios, que o têm na conta de delator da sua vida irregular e da exuberante fertilidade de seu solo aos civilizados.

Existe também o **Uirapurú**; é o pássaro encantado das florestas amazônicas. Diz a lenda que, a qualquer rumor humano, passa cantando baixo, como que trazendo aos recém-vindos as saudações entusiásticas de seus companheiros. Morto, é considerado um talismã: ao negociante que o retém, aflui numerosa freguesia; o caçador que o conduz, obtém abundante caça; ao pescador que o conserva em sua canôa, os peixes como que pululam no interior da mesma; as jovens que o guardam em seu regaço, conseguem sempre bons e belos esposos.

No vasto território amazônico ainda perdura entre os selváticos a divindade de seus deuses: **Rudra**, o deus do trovão, o criador da religião dos brahmas; **Amangá**, o deus incorpóreo que Sevá fulminou quando êle interrompeu as suas preces para fazer-se amar por **Parvolí**; **Anhangá**, o espírito das sombras dos nossos indígenas, etc.

Todavia, segundo Dionísio Cerqueira, quando na **Comissão de Limites com a Venezuela**, tais restos de tradições já se encontram quási extintos.

E' que os heróicos jesuitas foram levar àquelas fabulosas selvas a civilização aos destemidos aborígenes, para formarem uma raça de mestiços que tanto encheu de luz, por seus empreendimentos, as páginas de nossa história colonial.

Panorama maravilhoso, o alvorecer nas selvas!

Mal rompe a aurora e Júpiter campeia, soberba, quási ao zenite, com a sua bela luz fixa, num ceu puríssimo e esplêndidamente iluminado por uma auréola de estrelas cintilantes,

entre as quais brilham as lindíssimas constelações do **Grande Cão**, do **Argus** e do **Toiro**. Nêsse momento, o solo fica sob um tapete de luz, desenhando a nervura das folhas dispersas pelo vento.

E à proporção que a terra vai-se iluminando, pelos raios do **Astro Rei, Sirius**, solitário e bruxoleante, desaparece irresolutamente na amplidão infinita da abóbada celeste.

O caboclo, à porta da choupana — desprendendo do seu cachimbo a fumaça que desaparece em lúgubres espirais no espaço sombrio, até se confundir com a névoa, à semelhança do fumo que se evola das peças de artilharia nas salvas dos dias de festa, — vê todo aquele maravilhoso espetáculo com o maior indiferentismo.

Existe, porém, um lado trágico nêsse esplendor da natureza: é a calamidade nordestina!

Com efeito, os retirantes, deixando o seu rincão, seguindo a sua desdita, mal sabem que as paragens amazônicas são como um outro mundo. Muito cobiçadas, mas quem lá vai nem sempre volta, porque diz a sabedoria popular que "O dinheiro da borracha encurta o viver quando ela estira para ser aplicada à indústria".

Entretanto, há sempre a contradição: a formidável seca de 1877-1879, que foi uma verdadeira catástrofe para o Nordeste, principalmente para o Ceará, representou um fator útil à civilização e ao progresso da Amazônia.

Célebre escritor cearense, tratando da povoação amazônica, afirma que — "... na esteira movediça das águas barrentas que modelam a planície à forma de uma lira e por onde deslisam ainda hoje barcos aventureiros, há um casebre, uma ruína, uma cruz, uma tradição, uma lenda, uma história que recorda a pousada ou a passagem de um cearense por ali..."

Eis porquê Péricles Morais, comparando a ação do índio com a do nordestino, no desbravamento do **Inferno Verde**, declara que — "... êste último, deveras, que devia ser considerado o lídimo homem amazônico, por ter sido o demolidor da floresta virgem e por ter penetrado o vale em tôda a sua extensão..."

Assim, a história da primitiva sociedade amazonense está intimamente ligada à história do Ceará, pela audácia aventureira e pelo grande infortúnio do sofrimento do seu povo...

Em síntese, o saudável General Dionísio Cerqueira teve legítimas glórias nos trabalhos cívicos, com modéstia e sacrifício. Sua obra está ao nível de um Roosevelt ou de um Humboldt, corrigindo e completando, com o descobrimento de nossos rios, a carta geográfica do Brasil.

Perlustrou pela fabulosa região setentrional brasileira, por lugares onde nunca antes penetrára a civilização. E empregando meios brandos e a religião católica, evitou hostilizar os brasis autóctones daquelas brenhas incompreendidas, onde aqui-
latou os atributos raciais e a bravura sem par dos precursores de um Jacaúna, de um Araribóia, num elevado espírito nacionalista.

E a travessia das clareiras sombrias que percorreu como um benemérito da Pátria, não foi menos perigosa do que os transes por que passou o **Cavaleiro Negro** na ponte de Sália com Hermengarda nos braços e ouvindo o terrível alarido das mesnadas árabes.

Bem andou o fogoso escritor, Major Humberto Peregrino, considerando-o, em brilhante trabalho cívico, um verdadeiro precursor da imortal obra do nosso consócio General Cândido Rondon.

Além do que, como Ministro do Exterior no Govêrno Prudente de Moraes, resolveu as dificuldades diplomáticas com a Itália; como plenipotenciário nos Estados Unidos, defendeu os direitos brasileiros na questão do território de Palmas, tendo ainda exercido interinamente as pastas da Viação e da Guerra.

E tudo fez por amor à Pátria, sentimento que é magnânimo e varonil e que não busca interêsses próprios, pois, quem procura a comodidade em seu proveito, perde logo o valor e também a confiança de seus compatriotas.

Porém, passam-se os anos e uma estátua a Dionísio Cerqueira, o patriota autêntico, ainda não foi levantada! Mas não importa êste retardo; a figura do grande vulto nacional se agigantará com o escoar do tempo e o seu monumento terá que ser tanto maior quanto maior a nossa espera...

Eis a homenagem que tributamos ao ilustre patrono da cadeira n. 19 do INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL, nas comemorações do centenário do nascimento, passado a 2 de abril de 1947.